

## SUJEITO NULO NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL <sup>1</sup>

LUCIENE JULIANO SIMÕES<sup>2</sup>  
(Univ. Fed. do Rio Grande do Sul)

**ABSTRACT** Este trabalho tem como foco o uso de sujeitos nulos por uma criança de dois anos de idade, monolíngüe, adquirindo o português do Brasil como língua materna. Os dados foram obtidos em coleta longitudinal, através de gravações quinzenais feitas em áudio na casa do informante, cobrindo a faixa dos 2;4 até os 3;0 de idade. A partir da análise dos dados, procura-se corroborar a hipótese de que já desde os 2;4 a produção da criança exibe as mesmas restrições do adulto ao uso de nulos na posição sujeito. Sujeitos nulos são encontrados em percentuais baixos, de, em média, 51,2%. Esse número é comparável a achados atestados na aquisição de línguas não pro-drop, como o inglês e o alemão, por crianças com contagens de MLU semelhantes. Simultaneamente, tais percentuais são mais baixos do aqueles atestados em pesquisas acerca da aquisição do português Europeu e do italiano, envolvendo a produção de crianças em fases comparáveis de desenvolvimento lingüístico. Por fim, a análise qualitativa dos ambientes sintáticos em que sujeitos nulos são usados nos enunciados da criança evidencia que as restrições esperadas estão presentes. Nomeadamente, sujeitos nulos são altamente restritos nas frases em que posições em CP estão preenchidas.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho ocupa-se de um estudo de caso no qual o desenvolvimento lingüístico de uma criança adquirindo o português do Brasil (PB, daqui em diante) é discutido no que concerne ao parâmetro do sujeito nulo. O estudo está inserido no debate acerca da aquisição da sintaxe inspirado na gramática gerativa, no modelo conhecido como Teoria dos Princípios e Parâmetros.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi realizado como tese de doutoramento (Simões, 1997). Agradeço à equipe do curso de Pós-graduação em Letras da PUCRS e à CAPES pelo apoio recebido. Agradeço também às professoras Dra. Mary Kato e Dra. Charlotte Galves pela leitura dos originais e por suas valiosas sugestões. É evidente que os erros que persistem são de minha inteira responsabilidade.

<sup>2</sup> E-mail: [lucisim@portoweb.com.br](mailto:lucisim@portoweb.com.br)  
[luciene@vortex.ufrgs.br](mailto:luciene@vortex.ufrgs.br)

A posição aqui defendida é a de que o uso de categorias vazias por crianças pequenas constitui-se em argumento favorável a um ponto de vista inatista acerca da aquisição da sintaxe. De acordo com tal ponto de vista, a aprendizagem de uma gramática é um processo de fixação de um determinado conjunto de parâmetros cujos possíveis valores estão pré-estabelecidos por uma gramática universal. O contato com os dados do *input* levará a criança a, bastante cedo, fixar as estruturas possíveis em sua gramática no valor da língua alvo com base em evidência positiva apenas.

A análise aqui assumida com relação aos dados da língua em aquisição, o português falado no Brasil, é aquela estabelecida em Figueiredo Silva (1996). Segundo a descrição dessa autora, as restrições que se impõem ao aparecimento de tal categoria indicam que ela é um *pro* atípico, dado que sua identificação em contextos referenciais não fica a cargo da concordância que o licencia. Isso significa que o PB não é uma língua de sujeito nulo típica, pois não tem a opção de engendrar um pronominal referencial nulo.

O sujeito nulo do PB tem, então, as seguintes propriedades, segundo a análise referida e aqui adotada: pode ocorrer livremente, nos mesmos contextos que um pronome manifesto, quando não tem interpretação referencial; tem distribuição restrita nos níveis da sentença e do discurso quando tem interpretação referencial. Nomeadamente, um *pro* referencial variável deverá encontrar no discurso um antecedente que lhe estabeleça a referência e só poderá ocorrer em sentenças matrizes e encaixadas cujo sistema CP permite sua ligação à posição [Spec,CP]. Essa restrição se deve ao fato de que, para essa posição, se moverá um tópico que identifica um vestígio na posição sujeito ou a própria categoria vazia, que, da posição mais periférica da frase, poderá receber os traços referenciais que lhe atribuirá seu antecedente no discurso.

Um *pro* referencial anafórico só poderá ocorrer em sentenças encaixadas cujo sistema CP permita o movimento de uma concordância anafórica até ele; movida para o sistema CP, a concordância receberá do sujeito da frase matriz os traços que lhe permitirão identificar o sujeito nulo, que será sempre, nesses contextos, correferencial ao sujeito matriz.

Apresentarei a seguir uma análise quantitativa dos dados, na qual os percentuais de nulos e pronomes são estabelecidos e comparados aos obtidos na pesquisa sobre a aquisição de diversas línguas, seguida de análise qualitativa, na qual as construções em que o uso de sujeito nulo ocorreu nos dados de André serão listadas e discutidas. As duas análises visam a discutir se o uso de sujeito nulo pela criança observada se distancia daquele do adulto, verificando-se ou não mudança paramétrica, ou se as propriedades dos sujeitos nulos presentes nos dados conformam-se à análise de Figueiredo Siva (1996). Procurarei mostrar que este parece ser o caso dos dados do PB, na medida em que, desde estágio bem iniciais da aquisição, os dados da criança estudada exibem restrições semelhantes às do adulto.

## OS DADOS

Estarei discutindo dados de uma coleta longitudinal. André, criança monolíngüe, adquirindo o português do Brasil, foi observado entre os 2;4 e 3;0. Os dados obtidos consistem da fala espontânea do menino, em contexto de brincadeira não dirigida pela pesquisadora. As sessões foram gravadas em áudio e transcritas integralmente. A coleta realizou-se quinzenalmente, na casa do informante; as gravações foram de uma hora. A Tabela 1 caracteriza cada um dos inquéritos a serem focalizados aqui; para cada inquérito, constam na tabela a idade de André, o MLU<sup>3</sup> e o percentual de enunciados com verbo dentre o total de enunciados válidos da criança no inquérito em questão.

Tabela 1  
Medidas Quantitativas da Sintaxe de A, de acordo com a Idade

Inquérito	Idade	MLU*	Enunciados [+V]**
A1	2;4:14	2,11	32%
A2	2;4:21	2,52	48%
A3	2;5:5	2,47	45%
A4	2;5:19	2,58	47%
A5	2;6:2	2,60	59%
A6	2;6:16	3,17	65%
A7	2;7:9	3,40	61%
A11	2;10:9	3,39	60%
A16	3;0:30	2,98	63%

\*Extensão média do enunciado

\*\*Percentual de verbos no total de enunciados válidos

## RESULTADOS QUANTITATIVOS

Duas foram as medidas obtidas na análise quantitativa realizada nesta pesquisa. A primeira delas faz contagens semelhantes àquelas da pesquisa acerca da aquisição do sujeito nulo em outras línguas. A pesquisa a partir da qual esses critérios de contagem foram diretamente estabelecidos é a de Valian (1989, 1991), na qual são examinados dados do inglês e do italiano em crianças de perfil comparável ao de nosso informante. Nesse caso, os números de sujeito nulo caracterizam-se como percentuais de nulos no universo total de sujeitos das amostras, excluídos os enunciados imperativos e as respostas a perguntas *sim/não*, bem como os contextos de orações não-finitas.

Do total dos dados, 51,2% são de sujeito nulo, com considerável variação entre as amostras. A Tabela 2 apresenta os percentuais de diferentes tipos de sujeito por

---

<sup>3</sup> A extensão média dos enunciados (em inglês, mean length of utterance, daí a abreviatura largamente usada na área – MLU) foi obtida a partir das instruções de contagem estabelecidas em trabalho de Perroni (1976), trabalho acerca da aquisição do PB inspirado na metodologia de Brown (1973).

amostra. Nela, pode-se notar que os picos percentuais estão nos inquéritos A4 e A5, havendo variação de em torno de 15%. Dois são os aspectos a serem destacados com relação a esses números. O primeiro deles diz respeito ao fato de que não há qualquer direção de mudança no que toca ao uso de sujeito nulo por essa criança. O estudo dessa questão na aquisição de várias línguas, em especial do inglês, demonstra uma tendência da criança em restringir o uso de sujeitos nulos, partindo de percentuais altos deste tipo de sujeito para percentuais inferiores àqueles considerados significativos para que se sustente se manifestar ali uma gramática intermediária. Ou seja, as quedas percentuais são interpretadas como mudança na direção da aquisição do sistema adulto. A faixa etária e a faixa de MLU cobertas pela amostra assemelham-se àquelas em que são atestadas mudanças percentuais no que concerne aos sujeitos nulos na aquisição do inglês; em PB, não há, entretanto, qualquer indício de que esteja ocorrendo processo semelhante.

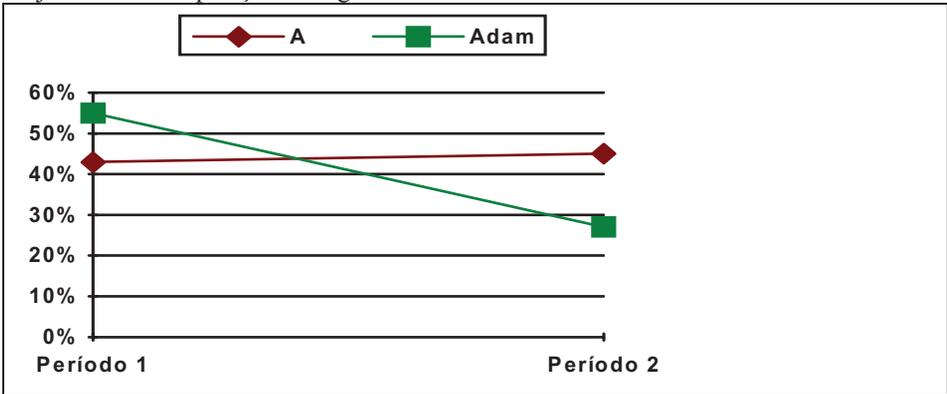
O Gráfico 1 é indicativo dessa diferença. Nele, apresentam-se os dados de André (A) examinados em dois diferentes momentos, sendo as amostras agrupadas da maneira como o fazem Hyams & Wexler (1993) para os dados de Adam.<sup>4</sup> A análise dos autores compreende os dados de Adam entre 2;5 e 3;0 anos de idade, com MLU entre 2;10 e 3,55, sendo as amostras altamente comparáveis. Como se pode notar, na linha correspondente ao estudo de caso do inglês, há uma visível tendência de queda percentual, correspondente à crescente restrição do uso de nulos atestada em inglês. Nos dados do PB, tal restrição não se verifica.

Tabela 2  
Sujeitos Nulos e Manifestos nos Dados de André

	<b>Nulo Referencial</b>	<b>Nulo Expletivo</b>	<b>Pronome Pessoal</b>	<b>Pronome Demonstrativo</b>	<b>NP Pleno</b>
<b>A1</b>	54,9%	-	33,1%	-	12%
<b>A2</b>	39,7%	5,5%	31,9%	16,4%	6,5%
<b>A3</b>	52,0%	4,1%	28,4%	5,9%	10,6%
<b>A4</b>	58,5%	7,4%	19,1%	8,5%	6,3%
<b>A5</b>	32,1%	8,0%	31,2%	10,6%	18,1%
<b>A6</b>	40,6%	5,0%	30,6%	15,1%	8,7%
<b>A7</b>	52,7%	8,5%	18,6%	7,8%	12,4%
<b>A11</b>	51,5%	7,2%	27,7%	3,5%	10,1%
<b>A16</b>	34,0%	8,3%	43,2%	4,3%	10,2%
<b>Média</b>	46,2%	6,0%	29,6%	8,0%	10,5%

<sup>4</sup> Neste artigo, os autores analisam os dados das crianças de Brown a partir dos mesmos critérios de contagem estabelecidos em Valian (1991), também utilizados aqui.

Gráfico 1  
 Sujeito nulo na aquisição do inglês e do PB



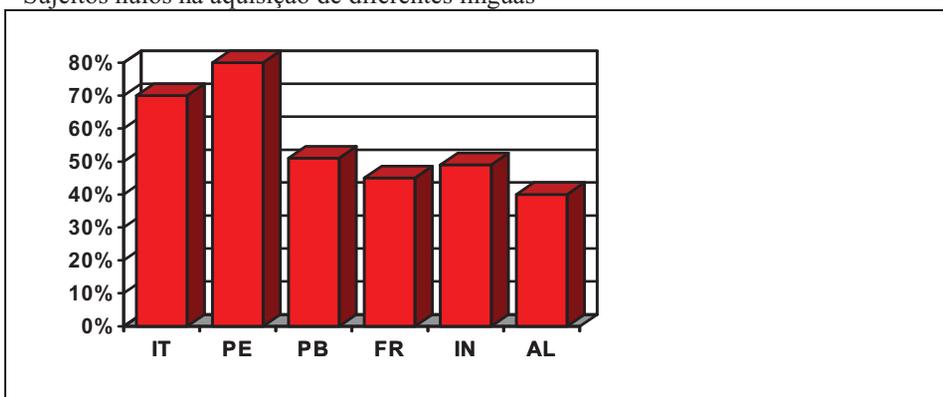
O outro aspecto interessante a ser assinalado é que, embora com relação ao problema da mudança gramatical, nossos dados não se assemelhem aos do inglês, os percentuais de uso de sujeito nulo são semelhantes. Vários cruzamentos demonstram que, ainda que não tenhamos observado uma crescente restrição no uso de nulos nessa faixa etária, os dados do PB alinham-se melhor a dados de aquisição de línguas que não permitem sujeito nulo em sua gramática estável do que àqueles de línguas de sujeito nulo típicas. O Gráfico 1 já demonstra essa semelhança entre os dados de A e Adam no período 1. Ela fica mais evidente, no entanto, nos Gráficos 2 e 3 a seguir.

O Gráfico 2 diz respeito aos dados percentuais de sujeitos nulos em diferentes línguas sobre as quais pesquisas semelhantes a esta foram realizadas. Na ordem de aparecimento no gráfico, os dados são de Valian (1991), para o inglês infantil; Faria (1993), para o português europeu; Simões (1997), estudo sobre o PB que fundamenta este artigo; Pierce (1992), estudo acerca da aquisição do francês; Hyams & Wexler (1993), para o inglês; e Clahsen (1989), com dados do alemão. Todos os estudos dizem respeito à mesma faixa etária e faixa de MLU ou aos mesmos percentuais de uso de verbos por enunciado. O aspecto a ser destacado é o de que, em línguas tipicamente *pro-drop*, como o italiano e o português europeu, as crianças usam percentuais bastante altos de sujeitos nulos já nesta idade e tais percentuais se conservam até a idade adulta. Em línguas em que a opção paramétrica não é a mesma, as crianças, de qualquer forma, usam nulos nessa posição em determinado estágio do desenvolvimento linguístico; seu número, contudo, é mais restrito. Esse é o caso do PB, que, em termos do percentual de nulos na fala da criança, agrupa-se com línguas em que o uso de sujeito nulo é vedado ou restrito.

O Gráfico 3 apresenta outra medida que confirma a aproximação estabelecida. Ele estabelece, como o faz Valian (1991) para o italiano e o inglês, o percentual de pronomes dentro do universo de sujeitos preenchidos da amostra. Segundo a autora, tal medida revela uma diferença entre línguas que têm e que não têm *pro*, já que naquelas que apresentam tal categoria vazia o uso de pronomes manifestos na retomada de

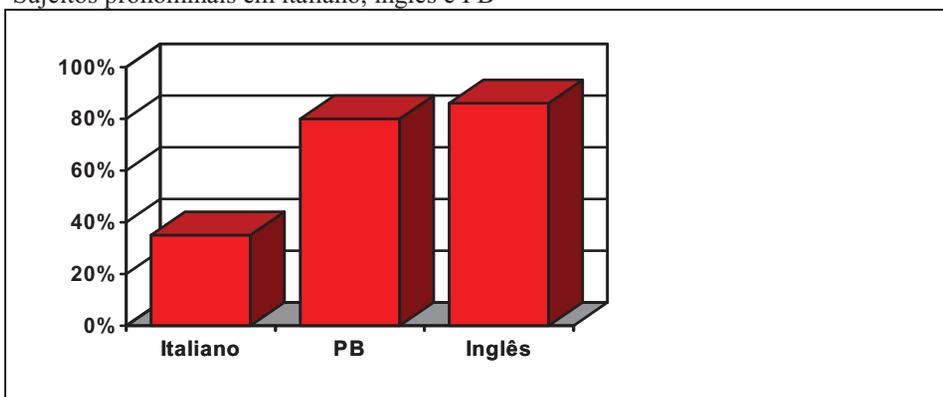
sujeitos deveria ser baixo em virtude de tal mecanismo ser mapeado na forma de nulos. Ao contrário, um percentual elevado de pronomes manifestos deveria revelar que a língua em questão não corresponde a uma língua *pro-drop*. Como se pode notar, novamente aqui o PB alinha-se ao inglês e não ao italiano, sendo o número de pronomes dentro o universo de sujeitos manifestos comparativamente alto.

Gráfico 2  
 Sujeitos nulos na aquisição de diferentes línguas\*



\*Os dados apresentados dizem respeito à aquisição do italiano, português europeu, português brasileiro, francês, inglês e alemão, respectivamente.

Gráfico 3  
 Sujeitos pronominais em italiano, inglês e PB



Assim, nossos resultados quantitativos até aqui atestam o seguinte: entre os 2;4 e os 3;0 anos de idade, a criança falante do PB usa sujeitos nulos, devendo contar com alguma categoria vazia licenciada para esta posição, mas não o faz em percentuais semelhantes a línguas em que o *input* oferece à criança evidências de que, na posição sujeito, possa ocorrer um *pro* localmente licenciado e identificado, como o italiano ou o

português europeu; dentro da mesma faixa etária; além disso, não há evidências de mudança gramatical atestadas.

A segunda medida obtida quantitativamente, a que fiz referência no início desta seção, diz respeito à comparação entre os dados de André e aqueles atestados em pesquisas quantitativas acerca do PB adulto. Nesse caso, as contagens foram realizadas respeitando os critérios estabelecidos por Duarte (1995). A diferença nos resultados numéricos corresponde a uma diferença no universo total dos dados, desta vez restrita ao total de sujeitos pronominais referenciais, sendo excluídos da amostra os sujeitos manifestos não-pronominais, como *Papai* ou *O herói*, e os sujeitos expletivos, arbitrários e genéricos. Nessa contagem, revela-se uma diferença percentual acentuada entre André e os dados de adultos. Enquanto na pesquisa de Duarte (1995), revela-se um uso de 29% de nulos por adultos falantes de PB, em minha pesquisa, verifica-se um percentual de 55,5% de nulos nos dados da criança nessa faixa etária.

Assim, em termos percentuais, os dados da criança não indiciam um uso de nulos semelhante ao do adulto. Tal fato é curioso dado que a idade aqui coberta compreende o dado infantil na faixa etária em que se atestam as mudanças gramaticais relevantes na pesquisa corrente acerca de várias línguas (cf. Hyams, 1986; Hyams & Wexler, 1993; Clahsen, 1989 e Pierce, 1992). Discutiremos tal aspecto em seguida, considerando a questão sob a luz de uma análise qualitativa dos dados, sendo interessante, porém, levantar quanto a isso, um dado importante. Embora os números de André sejam mais altos, sua distribuição relativa às pessoas do discurso é semelhante àquela encontrada por Duarte (1995). A autora demonstra que, no português falado no Brasil, além de serem baixos, os percentuais de nulos são maiores na terceira pessoa, seguida da primeira e segunda pessoas.

Esse mesmo quadro fica atestado nos dados de André, conforme vemos no Gráfico 4.

Gráfico 4

Total de sujeitos nulos nas três pessoas do discurso, na amostra de A



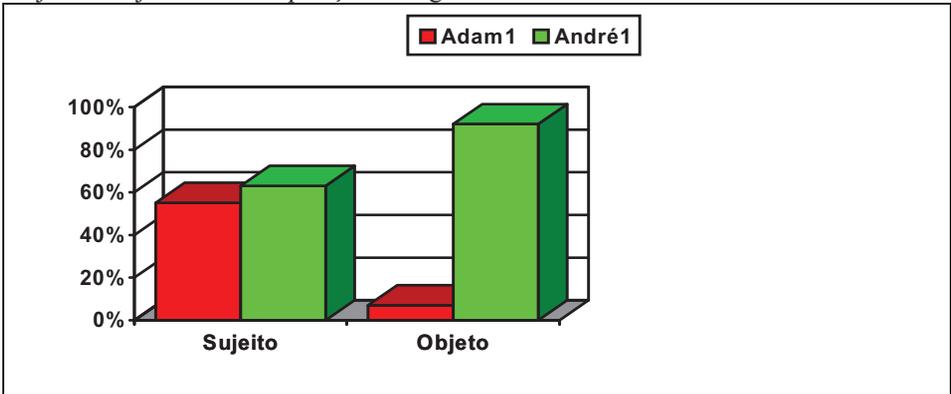
O último aspecto quantitativo a ser discutido aqui, que contribui para que se estabeleçam hipóteses de interpretação dos dados, diz respeito ao contraste entre os

percentuais de sujeito e objeto nulo atestados na amostra de André. Bloom (1990), Valian (1991) e Valian & Eisenberg (1996) argumentam que o fato de que, na aquisição do inglês, ocorrem sujeitos nulos em percentuais mais baixos do que na aquisição do italiano e de que, na aquisição do português, os percentuais de nulos são mais altos em crianças do que em adultos revelam a operação de restrições de desempenho e não a existência de uma gramática intermediária que determine o diferente comportamento das crianças.

Minha análise, que segue o raciocínio sugerido em Hyams & Wexler (1993), é a de que os dados referentes ao objeto nulo descartam pelo menos a interpretação de que fatores de desempenho possam isoladamente explicar esse conjunto de dados. Tanto em inglês, quanto em português, o uso de nulos na fala da criança é seletivo em termos da posição na frase em que a categoria vazia poderá ocorrer. No caso do inglês, o apagamento de objetos ocorre em valores percentuais inferiores a 10%, que poderiam, esses sim, ser atribuídos a apagamentos devidos a restrições de memória de trabalho, dado seu caráter pouco sistemático. O apagamento de sujeitos, ao contrário, como já vimos nos números apresentados nos gráficos acima, é mais robusto e invoca uma análise que responda a pergunta acerca de que propriedade da gramática infantil do inglês estaria causando tal assimetria entre sujeito e objeto ou entre os sujeitos na aquisição do inglês e na aquisição de línguas de sujeito nulo típicas, como o italiano. Os dados por mim obtidos reafirmam a necessidade de uma tal hipótese explanatória.

O Gráfico 5 apresenta novamente a comparação entre André e Adam, os dados do último novamente retirados do trabalho de Hyams & Wexler (1993). Nele, podemos notar que, enquanto com relação à posição sujeito, os percentuais são semelhantes, na posição objeto, o PB infantil favorece nitidamente a posição objeto com posição de nulo distributivamente abundante. Os dados do PB infantil nesse sentido mimetizam a situação do PB adulto e indicam, do meu ponto de vista, que estamos frente a usos gramaticalmente marcados de nulos. Na verdade, é evidente que, caso estivéssemos frente à operação isolada de fatores de desempenho, as diferenças entre a aquisição dessas duas línguas restariam inexplicadas, já que se deveria partir do pressuposto de que as habilidades de memória dessas crianças são semelhantes.

Gráfico 5  
 Sujeito e objeto nulo na aquisição do inglês e do PB



### CONSTRUÇÕES DE SUJEITO NULO

Nesta seção, apresentarei os resultados da observação da fala de André sob um ponto de vista qualitativo, observando em que frases os sujeitos nulos ocorrem a fim de sustentar a hipótese de que, ainda que o uso de sujeitos por esta criança se diferencie daquele do adulto percentualmente, as restrições impostas à distribuição de sujeitos nulos na gramática do PB já estão presentes nos dados da criança.

Primeiro, vários aspectos das frases atestadas nos dados indicam que a expectativa de uma mudança paramétrica futura seja implausível. As hipóteses de explicação para mudanças gramaticais relativas ao parâmetro do sujeito nulo oferecidas pela literatura sobre aquisição da sintaxe falhariam para este conjunto de dados por dependerem de correlações insustentáveis.

As hipóteses que correlacionam a queda no uso de nulos infantis à aquisição de IP não contribuem para a interpretação dos dados em qualquer de suas versões. IP já está plenamente incorporado à gramática de André na faixa etária durante a qual fiz minha observação, sendo seu paradigma de concordância altamente semelhante ao do adulto e, portanto, não-uniforme. Assim, as hipóteses de Radford (1990) ou formulações como as de Clahsen (1989), Guilfoyle & Noonan (1992) e Jaeggli & Hyams (1987) não nos levam a crer que ainda possa ocorrer mudança paramétrica relacionada a IP ao longo do desenvolvimento posterior de André. Reforça essa predição a observação de que as demais propriedades do estágio dito *funcional*, nos termos de Radford (1990), igualmente já se verificam nos dados.

A comparação entre os exemplos em (1) a (3) evidencia isso. Eles são, respectivamente, do italiano, português brasileiro, inglês, novamente português brasileiro e português europeu, em idades semelhantes. Os dados em (1b), retirados das amostras de André, evidenciam que sua gramática apresenta auxiliares, artigos, concordância e, ainda que em proporções baixas, elementos em CP. O mesmo ocorre com a criança adquirindo o italiano, (1a), e o português europeu, (3). Na produção da

criança adquirindo o inglês, na fase de sujeito nulo, esses elementos ainda não ocorrem, como se pode notar em (1c). Por outro lado, os contrastes entre (2) e (3) indicam que, comparada à morfologia verbal da criança portuguesa, por exemplo, a concordância de André não poderia ser caracterizada como rica ou uniforme. No PE infantil, como ilustrado nos exemplos, a distinção entre primeira, segunda e terceira pessoas já está marcada desde a faixa etária em estudo aqui. Nos dados de André a marcação morfológica dessas distinções é defectiva.

(1)a. Taglio.

*Corto*

Giorgio le taglia. (F, 2;3)

*Giorgio o corta*

b. A1-168\*A: Eu tô botando o (?) (André, 2;4;14)

A2-844\*A: Porque, porque ele juntou. (André, 2;4:21)

c. I drawing dog. (Helen, 2;6)

*Eu desenhando cachorro*

(2)a. A2-057\*A: Eu consigo.

b. A2-297\*A: Ela anda a cavalo, anda de moto, ela anda.

c. A2-553\*A: Não quer, tu não quer? (André, 2;4:21)

(3)a. Senta lá ao meu colo que eu sento-me aqui. (R., 2;4)

b. Dás-me uma amêndoa [...] e ela não deu. (R., 2;4)

c. Por que é que foste-me interromper? (R., 2;5)<sup>5</sup>

Assim, minha posição é a de que, ainda que os sujeitos nulos de André sejam aparentemente mais livres do que os do adulto, isso não se deve a uma fixação positiva do parâmetro do sujeito nulo, a ser posteriormente alterada com base nas evidências do *input* ou em virtude de maturação. A concordância já está presente nos dados de A e não se caracteriza como um paradigma que possa identificar localmente um *pro* referencial. Os baixos percentuais de nulos nos dados, se comparados aos dados do italiano e do PE, confirmam essa correlação.

Nesse sentido, a hipótese de que o sujeito presente nos dados seja um outro tipo de categoria vazia parece mais promissora. Em razão disso concentrarei a discussão dos dados desta seção nos efeitos que o sistema CP possa ter no uso de sujeitos nulos por André. Faremos essa discussão primeiro observando os nulos em sentenças matriz, depois em sentenças encaixadas.

---

<sup>5</sup> Os exemplos do inglês e do italiano são de Hyams (1986). Os exemplos do português europeu são de Duarte & Faria (1995). Os exemplos do conjunto de dados aqui analisados (por exemplo, os enunciados em (1b)) são identificados por números que os localizam em termos da sessão de coleta e do número da linha do enunciado dentro de cada transcrição.

## Sujeitos Nulos em Sentenças Matriz

Antes de discutir o tipo de categoria que poderá estar representada na estrutura sintática das sentenças atestadas nos dados de André, é importante exemplificar os tipos de sujeitos nulos que ocorrem na amostra. Em (4), temos exemplos de sujeito nulo expletivo. A imensa maioria dos expletivos nos dados diz respeito a usos do verbo *ter* como existencial e modal. (5) ilustra a ocorrência de sujeito temático de interpretação indeterminada. Esse tipo de sujeito nulo é extremamente raro na amostra. Ele não se contrasta, no entanto, a um uso mais freqüente de *se* indeterminador. Por fim, os exemplos em (6) mostram a ocorrência de sujeito nulo referencial nas três pessoas do discurso. O único contexto plural atestado é o de terceira pessoa, a primeira pessoa do plural ocorre apenas com pronome manifesto. Nenhum dos exemplos é uma resposta a pergunta *sim/não*, já que tais enunciados estão excluídos da amostra analisada.

- (4) a.A11-1020\*L ri, A não está querendo o gravador  
1021\*A: Não é pa ligar. Não é pa ligar  
b.A11-1190\*A: É eu sim!  
1191\*L: Não, é um cara muito mais velho  
1192\*A: Não é isso  
c.A11-020\*A: Tem dois aviões.  
d.A11-250\*A: Ah! Tem que arrumar esse (?)
- (5) A11-1320\*A: Não enxerga, assim. Tem que botar isso. (??)
- (6) a.A16-025\*A: Não tô conseguindo.  
b.A16-416\*A: Quer ver uma? A espada.  
c.A16-141\*A: Não entra bem  
d.A16-220\*A: Também são assim.

Na análise de Figueiredo Silva (1996), assumida como base deste trabalho, afirma-se que nem mesmo os sujeitos nulos referenciais de frases declarativas são livres em sua ocorrência no PB adulto. A autora sustenta que, para que uma frase como (5) receba interpretação referencial, é necessário que haja um antecedente disponível para a categoria vazia no discurso imediatamente precedente. Nessa afirmação, contudo, a autora não está considerando os casos em que tal antecedente possa estar ausente devido à sua fácil identificação no contexto pragmático imediato. Enfim, numa situação como aquelas estabelecidas em (7) a seguir, o sujeito nulo de terceira pessoa, como o dos exemplos (a) e (b), é perfeito no PB adulto.

- (7) a. (dois amigos estão conversando na cozinha, enquanto esquentam a comida)  
- Ih, queimou!
- b. (a secretária abre a porta e vê que está de volta a mesma pessoa que procurava seu patrão na véspera)  
-Já saiu.

Tais contextos, na verdade, são bastante marcados, dado que a situação imediata deve ser suficientemente focalizada para que a menção do antecedente não seja necessária. Além disso, esses exemplos são apenas um dos contextos possíveis de conversação entre falantes adultos. Esses falantes estarão freqüentemente falando sobre situações não imediatas, enfim, estarão fazendo relatos. Nesses casos, a afirmação da autora é evidentemente pertinente; os baixos índices de sujeitos nulos até mesmo em sentenças declarativas matrizes, atestados no trabalho de Duarte (1995), são provavelmente um reflexo disso.

O mesmo não ocorre na fala de crianças pequenas, como vem atestando repetidas vezes a literatura sobre aquisição da linguagem. As conversas de crianças na fase de aquisição em que se encontra André foram descritas na literatura como “discurso do aqui e agora”. Grande parte das trocas verbais com crianças dessa idade caracteriza-se da mesma forma que os contextos em (7) acima.<sup>6</sup> Além disso, a quase totalidade dessas trocas consiste desse tipo de contexto somado aos contextos de pergunta/resposta. Esse é o caso da amostra de André. Nem mesmo nos últimos inquéritos obtidos, verifica-se a tomada por André de turnos longos que se caracterizam como narrativas ou relatos. As intervenções mais longas dele são como aquelas exemplificadas em (8), sendo o restante da interação semelhante às que se exemplificam em (9) a (11).

(8)a.A16-730\*I: Mas ele é o mais importante sabe por quê?

Porque ele é o mais pequeno.

731\*B: Porque ele é encantado

732\*A: Não é

733\*I: É, ele, ele

734\*A: Eu já vi muitas vezes o filme do Pequeno Pônei. Não é, não é encantado!

b.A11-1166\*A: Quase caiu também. Volta, vai e não volta

(9)A11-761\*M: E pra que que era aquela corda?

762\*A: Era pa mim jogar, (?)

(10)A16-742\*A: Rasgou

743\*L: Rasgou? Deixa eu ver o que que rasgou aqui

744\*A: Isso

(11)a.A11-911\*L: Que tu vai fazer?

912\*A: Vou pegar

b.A11-1011\*L: Aa, então eu botei errado. Tu quer que ande como?

1012\*A: Não tô ouvindo

(8b) e (10) são exemplos de referência exofórica, relativa ao “aqui e agora” típico do discurso infantil. Nos dois casos, o objeto que tinha caído e rasgado não havia sido mencionado no discurso precedente, mas era o foco da atenção de André. Era, enfim, o objeto com o qual o menino brincava. É importante notar que escolhi o exemplo em (10) porque minha pergunta posterior deixa clara essa situação discursiva. O diálogo

---

<sup>6</sup> Quanto a essa questão de nulos exofóricos, ver Kato (1993), que analisa objetos nulos no desenvolvimento da linguagem de uma criança brasileira e discute este problema.

exemplificado aí, no entanto, não é o tipo de troca verbal mais freqüente, em virtude de, na maioria das ocorrências, o interlocutor estar também brincando com a mesma coisa que a criança e, portanto, poder recuperar diretamente do contexto a referência do pronome nulo utilizado.

(9) exemplifica o par pergunta/resposta típico da amostra. Esse contexto reproduz fielmente a situação descrita por Figueiredo Silva (1996) com relação à menção do antecedente do sujeito nulo no discurso imediatamente precedente. Por fim, em (11) aparece o contraste entre os dois tipos de ocorrência de sujeito nulo de primeira pessoa. Em (11a), a primeira pessoa é forçada pela pergunta imediatamente precedente. Em (11b) a ocorrência de primeira pessoa é independente do discurso anterior e o nulo tem a referência recuperada do contexto pragmático.

É importante notar já aqui que nem mesmo a total dominância desses dois tipos de situação discursiva torna o uso de sujeitos nulos categórico na amostra. Os percentuais de preenchimento por pronome pessoal e demonstrativo ocorrem exatamente no mesmo tipo de contexto. Sendo esse tipo de contexto livre para o aparecimento de nulos na gramática do PB, a presença desse percentual expressivo de pronomes, especialmente pessoais, é altamente relevante.

Ainda sobre o tipo de enunciado de André na amostra, a observação qualitativa dos nulos em frases matrizes do tipo exemplificado acima permite que se diagnostique uma provável variável interveniente que certamente afeta os números obtidos na análise quantitativa, no sentido de torná-los mais altos do que os do adulto. Vimos, na seção anterior, que André apresenta picos percentuais de sujeito nulo em algumas das sessões de coleta.

Uma propriedade de dois dos inquéritos em que tais picos se verificam salta aos olhos quando se examina mais qualitativamente os enunciados da amostra. Especialmente no inquérito A3, o número de vezes em que André responde a uma pergunta do interlocutor simplesmente dizendo *Não sei*, como na seqüência em (12) a seguir, é bastante significativo. No corpus em questão, foram atestadas 33 ocorrências de sujeito nulo de primeira pessoa; 15 eram ocorrências de *Não sei*. Esse dado chamou minha atenção e fiz um exame quantitativo desse tipo específico de enunciado em todas as amostras.

(12)a. A3-045\*L: É? Pra que que serve, me mostra. Me mostra pra que que serve este

046\*A: Não sei

047\*L: Não sabe?

048\*L: Ó, olha aqui ó

049\*L: [ri] Onde mais que a gente vai fazer furo?

050\*A: Não sei

b. A11-1054\*P: E onde é que tu tá? Onde é que tu tá deitado?

1055\*A: Eu não sei

1056\*P: É num carro? [P, A e L estão olhando um álbum de fotos]

1057\*A: Não

1058\*P: É num automóvel?

1059\*A: Não  
 1060\*P: É numa cadeira?  
 1061\*A: Não  
 1062\*P: É num escorregador?  
 1063\*A: Não  
 1064\*L ri, A está gostando da brincadeira e ri  
 1065\*P: Que que é isso aí? Que que é isso aqui?  
 1066\*A: Não sei  
 1067\*P: Que que é isso aí?  
 1068\*A: Não sei!  
 1069\*P: Que que criança pequeninha usa, quando não consegue andar ainda?  
 1070\*A: Isso  
 1071\*P: Que que é isso?  
 1072\*A: Não sei  
 1073\*P: Não sabe?  
 1074\*A: mm Não sei  
 1075\*P: É um carrinho  
 1076\*L: É um carrinho  
 1077\*P: É um carrinho de nenê  
 1078\*A: Mas eu não sabo carrinho de nenê. Não sabo dizer carrinho de nenê.

O resultado foi o seguinte. Primeiro, houve apenas três ocorrências de *Eu não sei* no conjunto das nove amostras. Uma delas verifica-se no primeiro inquérito, no qual essa foi a única ocorrência desse tipo de enunciado. As outras duas ocorreram no inquérito A11, e se contrastam a 16 ocorrências de *Não sei*. Além disso, uma concentração bastante curiosa pode ser observada. Há uma ocorrência de *Não sei* na sessão A5 e todas as demais ocorrem em A3, A7 e A11, amostras de picos percentuais de nulos. No inquérito A3, o percentual total de nulos (usado, por exemplo, na construção do gráfico 7) foi de 56,1%. Descartando da amostra as ocorrências de *Não sei*, esse número baixa para 50,6%. Em A7, a diferença é entre 61,2% e 58,3%; em A11, entre 58,7 e 53,8%. Tomando apenas os contextos de primeira pessoa, as diferenças são as seguintes: em A3, o percentual de nulos de primeira cai de 52,3% para 37,5%; em A7, de 59% para 30,7%; em A11, de 43,3% para 28,9%.

Assim, pode-se sustentar que tais enunciados, embora tenham sido computados, têm caráter formular e afetam os percentuais de forma a elevá-los sem que isso signifique que o uso de nulos seja de fato mais alto. É fundamental destacar no tocante a essa questão o efeito que as propriedades interacionais específicas das conversações infantis pode ter nos dados numéricos.

No caso desse tipo de enunciado é notável a diferença da troca verbal entre adultos com relação àquela atesta em (12). Raras vezes um adulto vai se negar repetidas vezes a responder as perguntas de outro através da resposta evasiva *Não sei*, até mesmo porque raras vezes um adulto continuará repetindo sua pergunta original ou fazendo

novas perguntas diante das insistentes respostas negativas por parte do interlocutor. Esse não é o caso das conversas com crianças. Os adultos costumam insistir em fazer a criança falar, principalmente se o seu interesse é a fala da criança, como no caso das gravações. Ao mesmo tempo, as crianças costumam oscilar, não estando nem um pouco dispostas a falar por vezes.

Enfim, parece-me bastante precisa a nomeação de amostras como essas de *inquéritos*; as conversas com crianças assemelham-se muito a interrogatórios às vezes. É nesse sentido que a diminuição percentual de até 5% dos casos de nulos nas amostras de André decorrente do descarte desses enunciados parece ser um dado valioso na compreensão do problema sobre o qual estou debruçada aqui. Além disso, há várias seqüências nas amostras em que se pode perceber a repetição ritualizada de um mesmo tipo de enunciado por André. Essa é seguramente uma das fontes dos altíssimos percentuais de nulos de terceira pessoa verificados neste estudo. Alguns exemplos desse tipo de seqüência aparecem em (13) a seguir.<sup>7</sup> Voltarei a essa questão depois de examinar os contextos de preenchimento de CP nas sentenças matrizes.

(13)a. A6-143\*A: Sai e põe, sai e põe [já com outro tipo de caneta na mão, sempre brincando de abri-las e tirar a carga de dentro]

144\*L: Sai e põe é?

145\*A: hum,hum sai e põe

146\*L: Mas é muito esperto esse <Andrezinho> [>]

147\*A: <Sai e põe, sai e põe> [<]

148\*P: [rindo]É, espertinho né?

149\*L: Por analogia

150\*A: Sai e põe

151\*P: Pelo menos é metido a esperto né?

152\*A: Sai e põe

153\*L: Sai e põe, sai e põe. Que mais que sai, esse sai?

154\*A: Sai sim

155\*L: Sai sim?

b.A6-631\*L: Tem o pézinho muito pequenininho essa Barbie

632\*A: Dá nessa, essa pinky

633\*L: mm, aqui [A e L estão brincando de vestir as bonecas de I]

634\*L: É, o sapato é pinky

635\*A: Cabe

636\*L: Cabe

637\*L: E essa botona

638\*A: Não cabe

639\*L: mm [negando], e esse aqui onde é?

640\*A: Cabe

641\*L: mm, aqui?

---

<sup>7</sup> No caso dos enunciados em (13a), Mary Kato me faz notar, a estrutura persistente envolve verbos ergativos, sendo seu sujeito um nulo expletivo. Essa é de fato a análise aqui adotada, embora sua discussão apareça apenas posteriormente, em torno dos exemplos em (17j) e (18).

642\*A: Não, queba, esse é do Buméqui [faz barulho de soco, tosse]  
643% A vai para perto da estante das bonecas e roupinhas da irmã  
644\*A: A Pinky tá aqui  
645&L: hum, hum  
646\*A: Na Pinky cabe, na Pinky cabe  
647\*L: Na Pinky?  
648\*A: Cabe  
649\*L: Cabe? Vamos tentar. Essa aqui que é a Pinky?  
650\*A: É. Essa cabe

Uma das possibilidades de aparecimento de sujeitos nulos nas línguas relaciona-se à ligação de uma categoria vazia nessa posição com a posição [Spec, CP]. Nesse caso, a presença de sujeito nulo não se deve a uma fixação paramétrica positiva para o parâmetro do sujeito nulo, no sentido de haver um *pro* licenciado e identificado localmente por um regente, mas à possibilidade de nessas línguas identificar-se uma categoria vazia na posição sujeito através de estratégias não-locais, redundando em uma maior restrição distributiva desses sujeitos nulos.

Três análises aparecem para diferentes conjuntos de dados. Numa, a categoria sujeito é uma variável ligada por um operador nulo em CP; a dita estratégia *topic drop*, levantada por Hyams & Wexler (1993) para o caso do inglês infantil, é uma ligação desse tipo. Em uma segunda análise, a de Rizzi (1992) para o alemão, o inglês e o francês de diários, e ainda o inglês infantil, os sujeitos são constantes nulas licenciadas somente na posição mais alta da sentença, posição não regida e, portanto, capaz de abrigar nulos sem violações do PCV. Finalmente, na análise de Figueiredo Silva (1996) para as frases matrizes do PB, inspirada em Cinque (1990), os sujeitos nulos são *pro* identificado através de movimento até a posição CP em alguns contextos. Noutros, são uma variável ligada a um tópico movido até CP.

A análise por tópico nulo está excluída no caso dos dados de André em face dos argumentos levantados em Rizzi (1992) acerca dos tópicos nulos. Os sujeitos nulos de André, como já vimos nos dados, não são restritos à terceira pessoa, como devem ser as variáveis ligadas por um operador nulo, de acordo com esse autor.

Quanto às constantes nulas engendradas, caso de fato CP fosse opcional nesta fase do desenvolvimento de André, [Spec, IP] seria a posição mais alta da estrutura e elas poderiam ocorrer. Duas propriedades da gramática de André, porém, contradizem essa possibilidade. Primeiro, a assimetria entre sujeito e objeto nulo que, como vimos, caracteriza o uso de nulos na aquisição do inglês é interpretada por Rizzi (1992) como evidência em favor de sua hipótese. Sendo o objeto uma posição para a qual há um regente potencial, a gramática infantil, que tem como única alternativa de argumento nulo a constante nula, não pode apresentar objetos nulos. Como vimos, os índices de objeto nulo nos dados de André são altíssimos.

De qualquer forma, sendo o PB uma língua de objeto nulo bastante livre (ao contrário do inglês), o seguinte raciocínio é possível: em face de evidência positiva robusta, André já tem objetos nulos comparáveis aos do adulto, mas esse não é o caso

de seus sujeitos; ao mesmo tempo, a opcionalidade de CP permite a constante nula na posição sujeito.

Para que essa possibilidade se comprovasse, teríamos que encontrar nos dados restrições semelhantes àquelas que Rizzi (1992) levanta com relação ao inglês infantil: qualquer elemento em CP deveria vedar a possibilidade de nulos. A razão disso é evidente. Caso haja algum elemento deslocado até CP ou lá engendrado na base, a posição está projetada, constituindo-se em um regente potencial para a constante nula, que é excluída por PCV. Esse não é caso dos dados aqui obtidos. André usa sujeitos nulos em diversos contextos em que há elementos em [Spec, CP]. Alguns exemplos aparecem em (14) a seguir.

- (14)a.A11-1148\*A: Caiu, então não deu certo  
1149\*L: Não deu certo?  
1150\*A: Poque caiu  
b.A5-072\*A: É só esse que cabe.

Ficamos, então, com a possibilidade de André já apresentar as mesmas restrições do *input*, exibindo propriedades que permitam análise semelhante à de Figueiredo Silva para seus dados. Considerando apenas as sentenças matrizes com elementos em CP, o quadro que se verifica é o que se segue.

O contexto mais produtivo de preenchimento de CP em sentenças matrizes nos dados de A é aquele exemplificado em (15). Como evidencia (15a), além de proporcionalmente freqüente, esse tipo de focalização já ocorre desde A1. Nele, um elemento está movido para uma posição periférica da frase.<sup>8</sup> A representação esquemática em (15a) pretende mostrar isso. Segundo a análise adotada aqui, nesse tipo de estrutura duas são as possibilidades de codificação dos sujeitos em PB. Ou o elemento focalizado é o próprio sujeito, ou o sujeito deverá ser preenchido. No primeiro caso, o sujeito move-se até [Spec,CP] deixando um vestígio na posição de origem. No segundo, a presença de outra cadeia-A', já que há um elemento movido que não o sujeito, impede a identificação de *pro* na posição sujeito, e, se tivéssemos sujeito nulo referencial, teríamos uma estrutura agramatical.

O total de ocorrências desse tipo nos dados é de 33. Apenas 3 delas apresentam sujeitos preenchidos, a exemplo de (15e,f). O dado relevante sobre as 30 demais é que todas elas focalizam o sujeito. Ou seja, as ocorrências estão em acordo com a gramática do *input* – o sujeito é omitido quando está ligado a um tópico movido e é preenchido quando o tópico movido não lhe é correferente.

---

<sup>8</sup> Figueiredo Silva (1996) propõe uma estrutura de frase cujo sistema CP é enriquecido por diferentes posições de tópico e foco. Essa estrutura, segundo Figueiredo Silva (1996), explica uma série de propriedades do PB e corresponde à estrutura frasal dessa língua. No seio dessa discussão, a autora determina para qual dessas posições diferentes elementos topicalizados se movem. No caso específico, o elemento deslocado estaria em FocusP. Não me preocuparei com essas distinções aqui. Elas, por um lado, não afetam a discussão em questão e, por outro, dependem de a transcrição dos dados ter sido mais rica a fim de determinar, por exemplo, certas características prosódicas de alguns enunciados que não foram registradas.

- (15)a. A1-081\*A: [CP Eu<sub>i</sub> [C<sup>o</sup> que [JP t<sub>i</sub> desliguei.]]]
- b. A2-509\*A: Esse que vai na coluja.
- c. A5-478\*A: O cala que cai.
- d. A11-958\*A: Tu que vai olhar.
- e. A11-233\*A: Eu vou arrumar, eu vou arrumar, aqui que eu vou arrumar.
- f. A6-676\*A: A outra que eu peguei, a outra.

Em estrutura semelhante a essa, em que o objeto aparece topicalizado, verifica-se o mesmo quadro. As restrições do PB são respeitadas – como evidenciam os dados em (16). As ocorrências desse segundo tipo de deslocamento até CP foram 13, das quais apenas uma apresentou sujeito nulo, (16e). Não me parece que essa ocorrência seja um erro, como a simples contagem inicial que fiz me levou a crer. O fato de o enunciado aparecer separado em três partes por vírgula nas transcrições chamou minha atenção e voltei aos dados gravados. De fato, existe uma pausa bem marcada entre as três partes divididas, como se cada uma delas pertencesse um domínio distinto. Além disso, o contexto do enunciado parece indicar também que estamos frente ao emparceiramento de três fragmentos do discurso anterior por parte de André, nesse enunciado, sendo, possivelmente, a oração com verbo um caso de sujeito indeterminado. De qualquer forma, ainda que estivéssemos diante de um único caso de sujeito nulo nos treze atestados, ainda assim teríamos evidência de que André respeita as restrições impostas pela presença de elementos em CP a julgar por esse tipo de sentença.

- (16)a. A2-682\*A: Esse eu também conségu.
- b. A5-006\*A: O motoqueiro eu vou cortar.
- c. A6-416\*A: E esse também tu quer?
- d. A16-545A: A minha malinha eu peguei.
- e. A5-513\*L: É arma ou o quê?
- 514\*B: Não, acho que é uma perna ó
- 515\*L: Ah, não, não. Ah aquele lá é o Blue, o Blue tá sem perna
- 516\*B: Não achei a perna do outro
- 517\*A: Não a perna, ota pena, não ashou

Por fim, temos estruturas em que uma palavra-QU ocorre na posição mais à esquerda da frase, movida ou não, com *que* preenchendo o núcleo de CP ou não - todos esses quatro tipos são atestados ainda que em números baixos. Em (17) apresentamos a lista completa das ocorrências.

- (17) a.A6-342/344\*A: Como eu sou forte!
- b.A6-842\*A: Que forte que ele tá!
- c.A3-499\*A: Onde tá a bola?
- d.A11-837\*A: Quem é?
- e.A11-1231\*A: Quem é ele?
- f.A16-019\*A: O que liga?
- g.A5-506\*A: Onde que tá a pata do Pifon?

- h.A11-1296\*A: Onde que tá a ovelha que eu não sei?  
 i.A16-203\*A: Onde que tá a tua pilha?  
 j.A11-767\*L: Aa, quebrou o meu ovo!  
     768\*A: Por que quebrou?  
 l.A11-961\*P: Tá chorando ali [pai mostra I chorando na foto, I ri]  
     962\*A: Por que tá com cara de chorando pai?  
     963\*P: ãa?  
     964\*A: Por que?  
     965\*P: Por que o quê?  
     966\*A: Por que tá com cala de cholandu?  
     967\*I: Porque eu tô, ué

Das treze ocorrências (duas delas, em (17a) e (17l), repetições de um mesmo enunciado), apenas os casos (17j) e (17l) contradizem a direção de interpretação dos dados perseguida aqui. Na verdade, as duas atualizações da sentença que aparece em (17l) parecem realmente se afastar do que o adulto perguntaria naquela circunstância exatamente em razão do uso de um sujeito nulo. Todas as demais respeitam as restrições do PB. Em (17d-f), temos um sujeito sendo interrogado. Nos outros enunciados, o sujeito está preenchido. Em (17j), a posição pós-verbal do sujeito no enunciado imediatamente precedente sugere que talvez estejamos em face de uma estrutura cujas características estruturais se afastam das demais. Além disso, na gramática do adulto, os contextos de verbos que permitem a ordem VS parecem relaxar a restrição relativa à presença de nulos em frases com [Spec,CP] preenchido no PB, como sugerem os exemplos em (18).<sup>9</sup> Não vamos considerar, então, (17j) como um contra-exemplo para a hipótese de que a categoria vazia presente nos dados infantis aqui analisados seja um *pro* identificado por meio de CP, conforme a análise de Figueiredo Silva (1996).

(18)a.-E aí a bolsa caiu/E aí caiu a bolsa.

-Como é que caiu?

b.-O João comprou a bici./\*Comprou o João a bici.

-\*Como é que comprou?

Assim, o conjunto de enunciados relativos a sentenças matrizes nos dados da criança parece indicar que estamos diante de uma gramática já semelhante à do PB adulto nesses dados. De um total de 59 estruturas atestadas, três afastam-se das restrições do adulto, sendo uma delas uma repetição idêntica e quase contígua do mesmo enunciado. Esse número representa um percentual de apenas 5% de erro. Ainda

---

<sup>9</sup> Ver discussão em Figueiredo Silva (1996) para a questão da perda da opção paramétrica de atribuição de nominativo sob regência e a conseqüente perda dos sujeitos pós-verbais em PB, bem como para a discussão da classe restrita de verbos que ainda permitem essa ordem. Segundo tal análise, a posição sujeito nesses casos estará ocupada por um *pro* expletivo, não representando, assim, contra-exemplos para nossa hipótese aqui.

assim, como vimos, o caso em (16e) poderia ser descartado dadas as suas características rítmicas e discursivas.

Ficariamos, então, com um percentual de 3,5% de erro nesses contextos. Passaremos a uma discussão semelhante acerca das estruturas encaixadas.

### **Sujeitos Nulos em Sentenças Encaixadas.**

Estarão em consideração aqui os contextos que se exemplificam em (19) e (20) a seguir.

- (19) A5-741\*A: Não binco com nada, comela  
742\*L: Por quê?  
743\*A: Poque ela biga
- (20)a. A3-542\*A: Foi esse que o Bu matou.  
b. A6-409\*A: Deixa eu ver se eu consigo.  
c. A11-1318\*A: Lá dentro tem uma coisa quando eu olho, assim  
d. A16-295\*A: Eu não sabo os que eu vi.

Os exemplos de enunciados da amostra incluídos em (20) ilustram os contextos encaixados atestados. Há sentenças clivadas, como (20a), complementos sentenciais, como (20b), adjuntos, como (20c), e relativas, como (20d). Além disso, incluímos nesta seção a análise de casos como (19), muito freqüentes nos dados, em virtude de eles serem comparáveis a (20c) se considerados sentenças adjuntas cuja matriz aparece no discurso imediatamente precedente e é elidida na frase em questão.

Os resultados da análise dos sujeitos nulos nesses contexto foi o seguinte. Do total de 84 ocorrências, 29 são de sujeito nulo. Dentre os sujeitos nulos, apenas um desrespeita a exigência de correferencialidade com o sujeito ou com um tópico no discurso imediatamente precedente. Vejamos caso a caso.

No caso dos enunciados do tipo exemplificado em (19), temos 12 nulos em 37 dados. Há uma distribuição nítida de nulos e preenchidos relativa à menção do antecedente do nulo no discurso precedente. Os nulos que seguem o uso de *porque* no início da estrutura sempre encontram seu antecedente no discurso imediatamente precedente ou são expletivos. Os sujeitos preenchidos compreendem casos em que há uma mudança de referente e também casos semelhantes aos dos nulos. Os exemplos em (21) ilustram esses contrastes; há, respectivamente, um nulo expletivo, um nulo correferencial com o sujeito da frase anterior, um pronome sem antecedente no discurso e um pronome que repete um antecedente presente no discurso.

- (21)a. A11-214\*A: (Mas tem que ir lá! Não.)  
215&L: aaã  
216\*A: Poque tem que, poque tem que fazer uma coisa

- b.A16-620\*B: Ele v<sup>o</sup>a sim
  - 621\*I: Não v<sup>o</sup>a
  - 622\*A: Porque não tem asa
- c.A2-850\*L: André, me alcança o Yellow aí
  - 851\*A: Não
  - 852\*L: Não?
  - 853\*A: Não
  - 854\*L: Por que não?
  - 855\*A: Poque eu to usando
  - 856\*L: Tu tá?
- d.A16-846\*L: Por que que ele tá de roupa?
  - 847\*A: Poque ele tá vivo.

Nas encaixadas como as de (20b-d), encontra-se o seguinte quadro: em 29 ocorrências, há 12 nulos. Dos sujeitos preenchidos, que somam 16, 13 têm interpretação disjunta com relação ao sujeito da matriz, os três restantes são pronomes que repetem um pronome já mencionado na matriz, exemplos de cada caso estão em (22). Dos 12 nulos, em oito há correferencialidade com o sujeito matriz, ou temos um caso de relativa de sujeito, como em (23). O contraste entre (23b) e (20d) acima tipifica bem esse conjunto de dados. Dos quatro restantes, dois são expletivos e outros dois são casos idênticos de estrutura com cópula que repete num contexto encaixado uma estrutura presente no discurso precedente. Esses dois enunciados estão em (24).

- (22) a. A11-1318\*A: Lá dentro tem coisa, quando eu olho assim.
  - b. A11-1049A\*:Quando eu era pequenininho, eu usava isso.
- (23) a. A16-291\*A: Não sei se vi.
  - b. A5-575\*A: Aqui essa tartaruga daqui
    - 576&L: humhum
    - 577\*A: que tava disfarçada de tartaruga-ninja
- (24) a.A1-197\*L: Ah, esse é blue, mas acho que não é o Bluméqui.
  - 198\*A: Eu acho que é sim.
  - b.A6-718\*L: Hum, hum. Por que que essa colher é torta?
    - 719\*A: Porque, porque a Luísa disse que é torta.

Logo, também nesses contextos, evidenciam-se nos dados de André apenas estruturas semelhantes às do adulto. Por fim, temos os casos de clivadas. Elas estão analisadas aqui, separadas de casos como (15) e (17g), seguindo a análise em Miotto e Figueiredo Silva (1995). O total de dados é de 18, incluindo perguntas, como aquelas em (26), e declarativas, como (20a) acima. Dentre esse total, dez são de sujeito nulo.

- (25)a.A5-072\*A:É esse que cabe.
  - b.A16-871\*A: Fui eu que peguei.
  - c.A16-532\*A: Foi por pouco que ele não levou pra casa tudo.

- (26)a.A11-1249\*A: Como é que tila?  
 b.A16-041\*A: Como é que, como é que anda?  
 c.A16-044\*A: Como é que faz?  
 d.A16-124\*A: Como é que entra agora?  
 (27) A2-668\*A: É nessa que cabe.

Há um contraste produtivo novamente aqui entre casos como (25a,b), em que a posição sujeito está vazia, mas faz correferência com o elemento focalizado, e casos como (25c) e (20a), em que não há correferência desse tipo e a posição de sujeito está preenchida. Os oito casos de preenchimento correspondem a esse segundo contexto. Os nulos que não respeitam tal contraste no conjunto de 18 considerado aqui estão todos listados em (26) e (27). (26a,c) são casos de nulo indeterminado, o contexto em que ocorrem confirma essa interpretação, correspondente a uma estrutura com *se*. Restam, então, três ocorrências, (26b), (26d) e (27), sendo essa última uma ocorrência de fato problemática para os fins de minha hipótese, a de que os dados demonstram as restrições do adulto.

Na verdade, em todos esses três casos há um possível cruzamento entre o tipo de verbo e possibilidade de um nulo referencial numa estrutura com interferência em CP. Nos dois primeiros, estamos às voltas com verbos semelhantes àqueles comentados na discussão de (17j) acima. Segundo a hipótese a qual fiz referência para esse dado, essas estruturas envolveriam uma categoria vazia na posição objeto, enfim, pós-verbal, e não de sujeito. Esse fato liga-se ao problema dos sujeitos pós-verbais em PB e não poderemos discuti-lo detalhadamente. De qualquer forma, adoto mais uma vez a análise de Figueiredo Silva (1996), não considerando tais enunciados contra-exemplos para minha hipótese de explicação aqui.

No caso do verbo *caber*, é possível que haja aí um *pro* expletivo, e não um sujeito nulo referencial. Vários estudos sobre o PB focalizam as inovações que cercam enunciados com o verbo *caber*, como no exemplo (28), de Pontes (1987). Galves (1991) discute casos como esse e suas sugestões permitem que consideremos, de fato, o dado atestado aqui como consequência do verbo em questão ser esse.

O problema para essa análise é que, como evidencia o trecho de nossa amostra citado em (13b), o verbo *caber* não demonstra ter propriedades inesperadas em todos os seus demais usos por André. Há, no entanto, um trecho surpreendente, no mesmo inquérito, aquele que inclui os enunciados em (29). É no mínimo curiosa a semelhança entre o aparecimento de *a belina* no contexto de (28), atestada por Pontes na fala do adulto, e *essa* em (29b). Essa ocorrência reforça a hipótese de que estejamos diante de enunciados muito peculiares no sentido de representarem reflexos de inovações atestadas no PB. Assim, o fato de ser um enunciado envolvendo o verbo *caber*, aliado ao dado (29b) permitem que se exclua a interpretação da ocorrência (27) como erro, mantendo mais uma vez a hipótese levantada aqui.

- (28) A belina cabe muito gente.  
 (29)a. A2- 909\*A: Noutra casa ele mora.  
 b. A2-912\*A: Essa também ele mora.

Esse conjunto totaliza a amostra de encaixamentos. Ele permite novamente que se perceba a extrema semelhança dos enunciados de André com aqueles do adulto, ainda que, evidentemente, o conjunto de dados a partir dos quais Figueiredo Silva (1996) propõe sua análise de sujeitos nulos nessa variedade do português não esteja exemplificado aqui em sua totalidade. Essa limitação é, no entanto, inerente ao trabalho na área da aquisição da sintaxe, dada a impossibilidade de se realizar análises a partir das intuições da criança.

É ainda interessante notar, com relação não só às frases encaixadas, mas ao conjunto dos enunciados da amostra em que o sistema CP está preenchido por algum elemento, que nesses contextos o percentual de nulos baixa nos dados de André. De 51,2% no total da amostra, o percentual baixa para 46% se considerados apenas os contextos em que CP e/ou C° estão preenchidos.

Além disso, há um contexto extremamente freqüente e completamente gramatical de uso de nulos em estruturas envolvendo CP na amostra, as estruturas do tipo *X que cv verbo*, especialmente do tipo *Eu que desliguei*. É interessante observar que abstraídos da amostra todos os casos desse tipo, cuja dominância dentro do universo de uso de CP não ocorreria no adulto, teríamos uma queda percentual maior, de 50,3% para 32,7%, sendo o primeiro o percentual da amostra total e o segundo o percentual do conjunto de enunciados com CP preenchido, descartados os de tipo *X que cv verbo* em ambas as medidas. Essa queda percentual reproduz o que atesta Duarte (1995) para os dados do adulto. Na pesquisa realizada pela autora, o uso de nulos cai de em torno de 35%, em contextos em que CP está vazio, para 25%, nos contextos de C° preenchido; e, para menos de 10%, em contextos em que [Spec, CP] está preenchido. Assim, mais uma vez, pode-se notar que, embora o uso de nulos pela criança seja mais freqüente, ele se distribui nas pessoas do discurso da mesma maneira que nos dados do adulto e é sensível ao tipo de construção sintática em questão da mesma forma que ocorre com o uso pelo adulto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa interpretação dos dados aqui relatados é a de que desde as fases iniciais de aquisição da linguagem, a criança adquirindo o português do Brasil apresenta um uso de sujeito nulo restrito, da forma como se atesta no *input*. Vimos que a criança observada nesta pesquisa usa sujeitos nulos em 51,2% do total de ocorrências de enunciados não-imperativos com verbo em toda a amostra; essa proporção total reflete de maneira aproximada as proporções encontradas em cada um dos inquéritos. Vimos também que a distribuição de sujeitos nulos por pessoa do discurso é semelhante à do adulto. Também é semelhante o achado de que os percentuais de sujeitos nulos são mais baixos em contextos nos quais há preenchimento do sistema CP. Ou seja, evidencia-se nessa queda percentual a operação de algum tipo de restrição ao sujeito nulo nesses tipos de sentença, restrição essa ausente nos dados de André desde o seu

segundo ano de idade, para o caso de sentenças matriz de tipo declarativo, sem qualquer elemento focalizado ou topicalizado.

Além disso, a comparação dos dados quantitativos aqui obtidos com aqueles obtidos na pesquisa corrente sobre o parâmetro do sujeito nulo em diferentes línguas também alinha os dados do português brasileiro infantil com dados da aquisição de línguas nas quais a gramática da criança não reflete o perfil de línguas de sujeito nulo típicas, ainda que difira da aquisição de línguas em que não há sujeito nulo. Em línguas sem sujeito nulo, como o inglês, a partir de um certo ponto na aquisição há uma queda no uso de nulos pela criança, que por volta dos 2;6-3;0 de idade chega a menos de 10% dos sujeitos atestados.

Assim, não parece que haja em nossos dados qualquer evidência em favor de uma refixação ou fixação tardia do parâmetro, tal como propõe Hyams (1986). As análises que interpretam os dados infantis como reflexo de estratégias restritas de engendramento de nulos diferentes de um *pro* localmente identificado, dentre as quais destacamos a proposta de Rizzi (1992), parecem mais produtivas no que toca a sua capacidade explanatória para a aquisição de diferentes línguas, altamente desejável em uma abordagem gerativista da aquisição.

Nossos dados, contudo, não permitem que se sustente a hipótese de Rizzi para o PB dessa fase de aquisição (ainda que se abra a possibilidade de as restrições estabelecidas pelo autor estarem presentes em fases anteriores do PB infantil). Nos dados do inglês, o sujeito nulo é um fenômeno ausente dos contextos encaixados e de frases com extração. Esse não é o caso dos dados de André, nos quais tais contextos restringem mas não excluem a presença de sujeitos nulos. Assim, ainda que acreditemos haver evidências suficientes para sustentar que a gramática em análise nesta investigação não tem o parâmetro do sujeito nulo fixado em seu valor positivo tanto para a condição de licenciamento, quanto para a de identificação, temos razões para crer que nossos dados refletem uma gramática em que tal categoria vazia está disponível, porém de forma restrita.

A análise qualitativa dos dados mostra-se crucial para que se encontre apoio para essa afirmação. Vimos que apenas em torno de 3% dos dados qualitativamente examinados apresentam desvio com relação às restrições gramaticais presentes na gramática do PB. Ou seja, quando examinadas as diferentes construções em que sujeitos nulos são usados pela criança, tal uso mimetiza aquele do adulto, observando restrições sintáticas. Ainda que o número de dados de encaixamento e extração seja pequeno, o que não surpreende, considerando a faixa etária observada e o fato de que se trata de uma única criança, esse resultado é muito relevante. Dada a complexidade das dependências envolvidas no uso de nulos na língua alvo, o fato de que não há desvios atestados revela que estamos diante de um dado precioso para o debate em torno da aquisição da sintaxe, mais especificamente, para a discussão da hipótese inatista.

Resta do panorama composto pelos dados aqui apresentados um problema a ser examinado por pesquisa empírica futura. Se, por um lado, é verdade que o número de sujeitos nulos no PB infantil mostra-se semelhante aos números de línguas sem sujeito nulo livremente distribuído, por outro, tal número é mais elevado do que aquele

registrado para a produção espontânea de adultos falantes do PB. Em André, a distribuição de nulos por pessoa e por tipo de construção é comparável à do adulto e os números não são tão altos quanto aqueles do português europeu, por exemplo. Ao mesmo tempo, porém, os números não são tão restritos quanto os dos adultos.

Nossa hipótese quanto a essa questão é a de que tal diferença não se deve a diferenças sintáticas entre as gramáticas do adulto e da criança, mas às características discursivas da amostra obtida. Os inquéritos transcritos compõem-se exclusivamente de diálogos, em que o turno de fala da criança é curto e limita-se a responder a pergunta do adulto, ou de comentários também breves sobre a situação de brincadeira imediatamente reconhecível no contexto da conversação. Tais circunstâncias discursivas, em que não há fala encadeada e o referente do sujeito é prontamente reconhecível no discurso imediatamente precedente e/ou no contexto e em que estruturas complexas estão ausentes, são favorecedoras do uso de sujeito nulo, pois compõem-se exatamente do tipo de sentença em que os sujeitos nulos são gramaticais em PB. Dessa forma, o conjunto de hipóteses que se pode tecer a partir dos dados aqui discutidos deverá buscar confirmação em pesquisa semelhante que tenha por base dados discursivamente distintos dos dados aqui estudados.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOOM, P. Subjectless Sentences in Child Language. *Linguistic Inquiry*, Cambridge MA, vol. 21, n° 4, 1990, pp. 491-504.
- BROWN, R. *A First Language: the Early Stages*. London: George Allen & Unwin, 1973.
- CINQUE, G. *Types of A'-dependencies*. Cambridge MA: MIT Press, 1990.
- CLAHSEN, H. Creole Genesis, the Lexical Learning Hypothesis and the Problem of Development in Language Acquisition. In: Pütz & Dirven (orgs.) *Wheels within Wheels: Papers of the Duisburg Symposium on Pidgin and Creole Languages*. Frankfurt: Peter Lang, 1989.
- DUARTE, M. E. Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter: Variation and Syntax. Trabalho apresentado no NWave 24, Universidade da Philadelphia, Philadelphia, 12/15 de Outubro, 1995.
- DUARTE, MATOS & FARIA. Specificity of European Portuguese Clitics in Romance. In: Faria, I. (org.) *Studies on the Acquisition of Portuguese*. Lisboa: Ed. Colibri, 1995. pp. 129-154.
- FARIA, I. H. A Aquisição da Noção "Agente" e a Produção de Sujeitos Sintáticos por Crianças Portuguesas até aos Dois Anos e Meio. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, n° 10, 1993, pp.16-50.
- FIGUEIREDO SILVA, M.C. *A posição sujeito em português do Brasil: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.
- GALVES, C. Agreement and Subjects in Brazilian Portuguese. Ms. Universidade de Campinas, 1991.
- GUILFOYLE, E. & NOONAN, M. Functional Categories and Language Acquisition. *Canadian Journal of Linguistics*, Canadá, vol. 37, n° 2, 1992, pp. 241-272.
- HYAMS, N. *Language Acquisition and the Theory of Parameters*. Dordrecht: Foris, 1986.

- HYAMS, N. & WEXLER, K. On the Grammatical Basis of Null Subjects in Child Language. *Linguistic Inquiry*, EUA, v. 24, n° 3, 1993, pp. 421-459.
- JAEGGLI & HYAMS, N. Morphological Uniformity and the Setting of the Null Subject Parameter. *Proceedings of NELS*, University of Massachusetts at Amherst, n° 18, vol. 1, 1987, pp. 238-253.
- KATO, M. A Theory of Null Objects and the Development of a Brazilian Child Grammar. In: Tracey & E. Lattey (orgs.) *Linguistic Perspectives in Romance Languages*. Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- MIOTO, C. & FIGUEIREDO SILVA, M.C. Wh-que = Wh é que? *DELTA*, São Paulo, vol. 11, n° 2, 1995, pp. 301-312.
- PONTES, E. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- PERRONI SIMÕES, C. *Aspectos da gramática portuguesa aos 2 anos de idade*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1976.
- PIERCE, A. *Language Acquisition and Syntactic Theory: A Comparative Study of French and English Child Grammars*. Dordrecht: Kluwer, 1992.
- SIMÕES, L. *Sujeito Nulo na Aquisição do Português Brasileiro: um estudo de caso*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.
- RADFORD, A. *Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- RIZZI, L. Early Null Subjects and Root Null Subjects. *Geneva Generative Papers*, Genebra, vol. 0, n° 1-2, 1992, pp. 102-114.
- VALIAN, V. Children's Production of Subjects: Competence, Performance, and the Null Subject Parameter. *Papers and Reports on Child Language Development*, Stanford University, n° 28, 1989, pp. 156-163.
- \_\_\_\_\_. Syntactic Subjects in the Early Speech of American and Italian Children. *Cognition*, Holanda, v.40, n° 1/2, 1991, pp. 21-81.
- VALIAN, V. & EISENBERG, Z. The development of syntactic subjects in Portuguese-speaking children. *Journal of Child Language*, Cambridge, vol. 23, n° 1, pp. 102-128, 1996.